

O ESTATUTO CONCEITUAL DA MATÉRIA NO TRATADO II.4 DE PLOTINO [THE CONCEPTUAL STATUS OF THE MATTER IN THE PLOTINUM TREATY II.4]

Robert Brenner Barreto da SILVA

Pós-Doutorando (PPGFILOSOFIA-UFC), Professor de
Filosofia (UECE). Doutor em Filosofia (UFC).
E-mail: robert.brenner@uece.br

Resumo

Em I.8 Plotino apresenta a matéria como uma espécie de princípio do mal, ainda que de forma *sui generis*, pois é sabido que a matéria é concebida como não-ser. Logo, ela não pode ser interpretada como um princípio positivo da ontologia, mas somente como um recurso de negatividade. A proposta desse trabalho, de outro modo, é pensar o estatuto conceitual da matéria a partir do II.4. Tal escolha se justifica pelo fato de que, enquanto o I.8 se detém sobre o tópico do mal, e aponta textualmente a matéria como sua explicação, o II.4 versa propriamente sobre o conceito da matéria. Desta forma, a apreensão dessa definição oferecida pelo II.4 pode ser útil à reflexão sobre até que ponto a identificação da matéria ao mal é coerente, não na condição de ponto de partida, mas na perspectiva de analisar as implicações teóricas da matéria.

Palavras-chave

Enéada. Matéria. Não-ser. Mal.

Abstract

In I.8 Plotinus presents matter as a kind of principle of evil, nevertheless in a *sui generis* way, since it is well known that matter is conceived as non-being. Therefore, matter cannot be interpreted as a positive principle of ontology, but only as an apparatus of negativity. The aim of this work, in another way, is to think about the conceptual statute of the matter from II.4 perspective. This choice is justified by the fact that, while I.8 focuses on the topic of evil, and textually points to matter as its explanation, II.4 deals directly with the concept of matter. In this way, the apprehension of this important definition by II.4 can be useful to evaluate in what measure the identification of matter-evil is coherent, not in the starting point condition of reflection, but in the perspective of considering theoretical implications concerning matter.

Keywords

Plotinus. Ennead. Matter. Non-being. Evil.



INTRODUÇÃO¹

No que diz respeito à proposta de estudar o conceito de matéria no tratado II.4, deve-se antecipar que Plotino trabalha com a matéria não apenas enquanto relacionada à dimensão sensível, mas cogita também uma matéria “inteligível”. Inclusive, outro título que se atribui ao II.4 é justamente “Sobre as Duas Matérias”². Não obstante, para os propósitos desse texto, a atenção crítica estará voltada à matéria dos sensíveis, respeitando, todavia, a ordem expositiva de análise conferida pelo filósofo.

É tendo em mente essa distinção – matéria inteligível e sensível - realizada por Plotino ao longo desse tratado que Armstrong (2008, p.257) interpreta a descrição da matéria dos sensíveis como princípio do mal. O intérprete entende que é um tanto quanto paradoxal, à luz da filosofia do neoplatônico, dizer que a matéria, enquanto não-ser, é princípio de qualquer coisa, ainda que do mal. Ressalta, contudo, que a matéria “inteligível” estaria fora do escopo desse estudo:

Esta é a grande diferença entre a matéria do mundo sensível e a matéria do mundo inteligível, que é uma potencialidade real eternamente atualizada e informe. Por causa dessa negatividade absoluta, dessa falta total de realidade e bondade, a matéria do mundo sensível é para Plotino o mal absoluto; e, paradoxalmente, em vista de sua insistência em sua absoluta impotência e incapacidade de afetar ou ser afetado pela forma, o princípio do mal (ARMSTRONG, 2008, p.257, tradução nossa)³.

No que se refere à matéria do sensível⁴, é importante ter clara a relevância da ideia de “receptáculo” (*hypodochê*), que vem por empréstimo do *Timeu*⁵ de Platão; ao passo que

¹ Este trabalho é resultado parcial de uma das seções da pesquisa de doutorado do autor, a qual se encontra no repositório da Universidade Federal do Ceará (SILVA, 2021a).

² Cf. V.P.24,46.

³ “This is the great difference between the matter of the sense-world and the matter of the intelligible world, which is a real potentiality eternally actualized and informed. Because of this utter negativity, this total lack of reality and goodness, the matter of the sense-world is for Plotinus absolute evil, and, paradoxically in view of his insistence on its absolute powerlessness and inability to affect or be affected by form, the principle of evil”.

⁴ **É preciso ter cuidado com essa expressão.** Sobre a opção por “matéria do sensível” em vez de simplesmente matéria sensível, leia-se OLIVEIRA, 2009, p.147: “A expressão ‘matéria sensível’, embora muito usada, não é tão adequada, pois a matéria, mesmo a constitutiva dos corpos sensíveis, é incorpórea e não é sensível em nenhum sentido, nem ontológico nem epistemológico”.

⁵ Cf. PLATÃO, *Timeu*, 49a; LOPES, 2012, p.43: “[...] o terceiro tipo é também chamado ‘receptáculo’ (*hypodochê*: 49a6), ‘suporte de impressão’ (*ekmageion*: 50c2), ‘mãe’ (*mêtêr*: 50d3, 51a5, 88d7), ‘aquilo em que’ (*to en ô*: 49e7, 50d1, 50d6), ‘localização’ (*Hedra*: 52b1) e ‘local’ (*topos*: 52a6, 52b4); mais indirectamente, é comparável a uma mãe (*proseikasai mêtiri*: 50d2-3) e a uma ama (*oion tithênên*:



a de “substrato” (*hypokeimenon*)⁶ remete à influência de Aristóteles (*Τὴν λεγομένην ὕλην ὑποκεύμενόν τι καὶ ὑποδοχήν*):

Dizer que a chamada matéria é um substrato e um receptáculo de formas é uma tese a seu respeito comum a todos que chegaram a uma noção de tal natureza e, até aí, sustentam a mesma noção; entretanto, o que é essa natureza subjacente, como e de que ela é receptiva, aqui já se separam os investigadores (PLOTINO, II.4[12] 1, 1-7, trad. BARACAT, 2006).

Entre os seus predecessores, Plotino entende que há um pressuposto comum, qual seja: o da matéria como aquilo que subjaz. O cerne da investigação realizada pelo filósofo, por conseguinte, é investigar qual a natureza dessa instância metafísica – consentida pela tradição filosófica grega – que permite a ela ser receptiva de tudo o mais que a ela se associa. Na esteira dessa intuição preliminar, pretende-se desenvolver uma leitura do tratado II.4 a partir da qual, primeiro e primordialmente, seja possível compreender o conceito de matéria; depois, à guisa de conclusão, avaliar implicações teóricas resultantes da referida concepção de matéria, em particular aquela atinente à identidade matéria-mal.

Não obstante a preocupação do tratado II.4 não seja o aspecto metafísico do mal, ao fornecer uma robusta fundamentação para o conceito de matéria, ele fornece elementos filosóficos para a ponderação quanto à pertinência programática da tese plotiniana de que a matéria, conforme discutida em seu tratado I.8, seja o mal. Em virtude de essa caracterização ser polêmica, torna-se oportuno investigar se tal concepção é pressuposta por Plotino em todo o tecido de sua filosofia, no que diz respeito ao *locus* da matéria em sua metafísica emanacionista. Para a realização de um itinerário de pesquisa dessa natureza, certamente II.4 figura entre as principais fontes de estudo⁷.

49a6). Todas elas, de um modo geral, se enquadram numa descrição da *chôra* como suporte de alguma coisa [...]”.

⁶ Cf. ARISTÓTELES, *Física*, I, 192 b 32-34.

⁷ Sobre a matéria, Corrigan destaca (2005, p.45): “Read what Plotinus says in II, 4 (12); II, 5 (25); III 6 (26); and I 8(51)”.



ANÁLISE DO TRATADO II.4

Pourtless, no contexto de sua análise do tratado sobre a matéria de Plotino, argumenta em prol da relevância de pressupostos platônicos aproveitados pelo licolopolitano na definição daquilo que subjaz. Ele aponta para contribuições não apenas provenientes do *Timeu*, mas também do *Sofista*. No bojo dessa leitura, o intérprete defende que a concepção de matéria formulada por Plotino desemboca em um “princípio de individuação”, à maneira como se tornou conhecida nos escolásticos. Antes de avaliar até que ponto essa interpretação é válida, confrontando-a com o texto do próprio Plotino, torna-se oportuna a consulta:

Com essas contribuições do *Sofista* e do *Timeu*, a concepção plotiniana da matéria sensível pode ser explicada de maneira mais completa. Nós começamos com as contribuições do *Sofista*. A definição do Estrangeiro do não-ser como alteridade é um argumento elíptico-transcendental para a existência do mundo sensível com seu fluxo e pluralidade. A existência do não ser como alteridade é uma questão de necessidade lógico-metafísica, pois o mundo sensível existe, e é apenas a existência do não-ser como alteridade que pode explicar o porque disso [...]. Voltando ao *Timeu*, nós somos providos com uma espaço-temporalidade formal operando como um princípio de individuação, isto é, como receptáculo. É o horizonte para o vir-a-ser, espaço temporalmente individuando Formas como objetos sensíveis (imitações da Forma ou imagens). A concepção plotiniana de matéria sensível pode ser explicada através da combinação desses conceitos. Logo, na presente interpretação, a matéria sensível de Plotino é a forma da alteridade do *Sofista*, e esta forma de alteridade é entendida como uma espaço-temporalidade formal, o *principium individuationis*, seguindo a interpretação do receptáculo do *Timeu*. Sucintamente, a matéria sensível plotiniana é o *principium individuationis* (POURTLESS, 2008, p.8, tradução nossa).⁸



⁸ “With these contributions from *Sophist* and *Timaeus*, a Plotinian conception of sensible matter can be explicated more fully. We start with the contributions from *Sophist*. The stranger’s definition in *Sophist* of non-being as otherness is an elliptical transcendental argument for the existence of the sensible world with its plurality and flux. The existence of non-being as otherness is a matter of logico-metaphysical necessity, for the sensible world exists, and it is only the existence of nonbeing as otherness which can explain why that is so. Turning to *Timaeus*, we are provided with formal spatiotemporality operating as the *principium individuationis*, i.e., the receptacle. It is the horizon for becoming, spatiotemporally individuating Forms as sensible objects (Form imitations or images). A Plotinian conception of sensible matter can be explicated by combining these concepts. Thus, on the present interpretation, Plotinian sensible matter is the form of otherness from *Sophist*, and that form of otherness is understood as formal spatiotemporality, the *principium individuationis*, following the interpretation of the receptacle from *Timaeus*. Succinctly, Plotinian sensible matter just is the *principium individuationis*”.

O autor do estudo ora citado não está sozinho. Fernandes, comentando a crítica de Plotino aos gnósticos, também entende a matéria do sensível como *principium individuationis*: “Plotino, que atribuiu aos gnósticos um emprego indiscriminado dos conceitos de matéria e materialidade (*hýlê; hýlótês*), entendeu como *principium individuationis* a matéria sensível” (2013, p.134).

Como não há, em sentido estrito, uma “matéria sensível”, mas uma matéria “do sensível”, isto é, que é receptáculo dos princípios inteligíveis a constituírem o corpo, sendo ela mesma incorpórea, entendo que a matéria não poderia ser princípio de individuação, haja vista a tradicional necessidade, observada por Tomás de Aquino no §4 de *O Ente e a Essência* (2008), de que: “Por esta razão, deve saber-se que o princípio de individuação não é a matéria considerada de qualquer modo, mas unicamente a matéria delimitada. Chamo ‘matéria delimitada’ a que se considera sob dimensões determinadas”. Acerca do texto tomasiano: “a individuação depende da *matéria signata*, no sentido de que a individuação depende das formas, mais precisamente da superposição de um número indefinido de formas no mesmo composto” (ABBAGNANO, 2007, p.347).

Em termos tardoantigos, sem os princípios formais (*lógoi*), que possibilitam ao sensível ser uma instância determinada como entidade, não haveria individuação⁹. Por isso, a individuação não depende da matéria, mas propriamente da operação da *phýsis* sobre a matéria. Após fixar o pressuposto fundamental “a matéria é substrato”, Plotino passa a realizar um estudo sobre as diversas posições na história da filosofia sobre o tema. A retomada da tradição é uma etapa imprescindível para desdobrar outras distinções relacionadas à matéria, tais como a de elementos, corporeidade e magnitude:

⁹ CARVALHO, 2015, p.79: “Há, assim, a matéria primeira e a matéria enquanto corpo composto. A matéria primeira está em potência enquanto a outra pode ser dita em ato – e se é em ato, torna-se um composto individual, como no caso da estátua de bronze. Aristóteles também desenvolveu uma distinção entre uma matéria primeira indeterminada e uma determinada em Θ 7, 1049a24-b2, que se tornará a *materia signata* tomasiana no tratado *De ente et essentia*”.



Alguns, afirmando que apenas os corpos são entes e que a essência está neles, dizem que a matéria é uma só e subjaz aos elementos e é ela mesma a essência, ao passo que todas as outras coisas são como que afecções dela, isto é, ela mesma em determinado estado, inclusive os elementos. Além disso, eles ousam levá-la até os deuses e, por fim, identificam seu próprio deus a essa matéria em determinado estado. E ainda atribuem a ela um corpo, dizendo que é um corpo sem qualidade mas também uma magnitude. Outros dizem que ela é incorpórea e alguns deles, que não uma só, e dizem eles também que essa matéria de que falam os anteriores subjaz aos corpos, mas que há uma outra anterior nos inteligíveis que subjaz às formas de lá e às essências incorpóreas. (PLOTINO, II.4[12] 1,7-20, trad. BARACAT, 2006).

O *status* cosmológico e metafísico da matéria é uma questão crucial para Plotino. Muitas vezes pode parecer confusa a diferença entre matéria, corpo e sensível. Por isso, o filósofo busca esclarecer qual é o conceito mais basilar e anterior. A matéria é o que subjaz, sendo matéria do inteligível como fase necessária à contemplação do Uno, estruturante das Formas inteligíveis. Matéria do sensível como suporte para o que é corpóreo e sensível. Ela é incorpórea, sendo, contudo, condição necessária à constituição do corpo e da experiência sensível. A incorporeidade da matéria é uma crítica de Plotino aos estóicos.¹⁰: “Alguns, afirmando que apenas os corpos são entes”.

Plotino antecipa que essas elaborações filosóficas serão possíveis devido à matéria ser indefinida e amorfa. Suspende, para o momento de exposição, a aplicação desses predicados ao ser por excelência (o inteligível):

Por isso, primeiro, deve-se investigar, a seu respeito, se ela existe, o que se aventura ser e como é. Então, se o que é da ordem da matéria deve ser algo indefinido e amorfo, mas nada indefinido e amorfo há nos entes excelentes de lá, também não haveria matéria lá; e se cada um deles é simples, não haveria necessidade de matéria para que exista um composto formado por ela e por algo outro; entretanto, há para os entes que devêm necessidade de matéria, e também para os que se produzem uns a partir dos outros - a partir dos quais também foi concebida a matéria dos entes sensíveis -, mas não para os que não devêm (PLOTINO, II.4[12] 2, 1-8-, trad. BARACAT, 2006).

A pergunta retórica introduzida por Plotino sobre a existência da matéria recebe logo uma resposta positiva, na medida em que os entes sensíveis não podem prescindir da matéria. Não obstante, será preciso entender por que a matéria é dita ser diferente dos

¹⁰ PLOTINUS II.4, trad. GERSON, 2018: “Those men [the Stoics] who posit only bodies as beings and that substantiality is to be found among these bodies maintain that matter is one and series as a foundation for the elements and that matter itself is substance”.



compostos corpóreos e investigar se há princípios que causam a matéria. As perguntas que orientam esse itinerário foram elencadas na continuação do capítulo segundo:

E de onde vêm ela sua existência? Pois, se foi gerada, o foi por algo; e se é perpétua, haverá mais princípios e os seres primários existirão por acaso. Porém, ainda que uma forma lhe advenha, o composto será um corpo: assim, também lá, haverá corpo (PLOTINO, II.4[12] 2, 8-12, trad. BARACAT, 2006).

Um dos aspectos mais problemáticos na conceituação da matéria é se ela é positivamente algo ou se ela seria pura privação. Por ser amorfa, ela é absolutamente privada de forma. Mas, por existir, possui alguma causa metafísica para a sua existência, não podendo estar apartada da emanção proveniente do Uno. Se ela possuir alguma configuração metafísica, por mais múltipla e degradada que venha a ser, deve se filiar ao que é bom e ao que provém do Uno/Bem. Na verdade, ela se filia ao inteligível (como matéria do inteligível) e ao sensível (como matéria do sensível). A respeito dessas duas matérias pautadas pelo tratado II.4, leia-se:

No tratado (II.4) Plotino menciona a existência de dois tipos de matéria, a divina ou inteligível (*hýlē theía*, II. 4.5.15; *hýlē noëté*, II. 4.5.24) – [...] ou a sensível [...]. Em Plotino, aquilo que em Proclo será apresentado como reflexão sobre a interação entre o Demiurgo e o Modelo aparece separadamente como especulação sobre a processão do *Noûs* determinando a matéria inteligível e como especulação sobre a interação entre a Alma e o Intelecto proporcionando a gênese da matéria sensível. Encontramos em Plotino uma identificação do Demiurgo com o *Noûs* (V.1.8.5; *dêmiourgos gàr ho Noûs autôi*), resultado de uma peculiar interpretação do *Filebo*, onde o *Noûs* aparece como causa e onde é um qualificativo (“Inteligência”) do Demiurgo (FERNANDES, 2010, p.626-627).

Para defender a posição de que há duas matérias, Plotino terá de lidar com a associação matéria-indefinição no âmbito da matéria inteligível¹¹: “Jamais, portanto, nem mesmo lá, é amorfa a matéria de lá, uma vez que sequer a daqui o é, mas cada uma é de um modo diferente. Todavia, se é perpétua ou se é originada, assim que entendermos o que ela é, ficará claro” (PLOTINO, II.4[12] 3,15-20, trad. BARACAT, 2006). Em si, isto é, isolada da Forma, é evidente que a matéria é amorfa. O que o filósofo está argumentando, em primeiro lugar, é que a matéria e forma inteligível confluem imediatamente para a

¹¹ NIKULIN, 1998, p.91: “Intelligible matter in then and indefinite and undefined source of unity of unity in the forms, a potentiality of being. However, intelligible matter is still not the One, but matter is “one” in a certain sense, where “one” does not really mean one as anything definite and unique, since there is no identity yet - but the matter as only the basis for duality, itself non-dual”.



totalidade do ser e do pensar¹². No caso do sensível, a matéria é adornada pelos princípios formativos.

Nessa perspectiva, se a matéria do cosmos sensível é formatada, certamente não será o universo inteligível, e a matéria que o subjaz, aquele que permanece amorfo. O ganho que essa explicação promove é perceber o quanto matéria sensível e inteligível estão integradas. Nikulin, tendo dedicado um estudo ao tema da matéria inteligível, defendeu que:

Não apenas nas primeiras reflexões de Plotino, mas ao longo de toda a sua obra, a noção de matéria inteligível desempenha um papel importante e, portanto, constitui um dos componentes fundamentais de toda a sua filosofia; matéria do corpo e matéria inteligível estão necessariamente conectadas tanto como diferentes, mas como ao mesmo tempo inseparáveis. Isto é, a noção de matéria [...] necessariamente implica a noção de *hyle noeté* [...] matéria inteligível está intimamente ligada à díade indefinida (NIKULIN, 1998, p.85, tradução nossa)¹³.

Não há uma ruptura dualista entre esses conceitos, mas há um paralelismo ou uma correlação cuja natureza é semelhante a que se dá entre arquétipo e imagem. Conscientes de que os capítulos iniciais estão vocacionados a enfatizar o conceito de matéria inteligível¹⁴, cabe analisar implicações ulteriores na filosofia do neoplatônico. Em particular, observando a relação da *hyle noeté* com a *aoristos dyás*, isto é, da matéria inteligível com díada indefinida:

Conforme diversos intérpretes, a matéria inteligível ou divina equivale à 'Díade indefinida (*aoristos dyás*)' (V.1.5.14), identificada com a processão do *Noûs*. No pensamento plotiniano observa-se uma fusão entre a "Díade indefinida" da tradição platônica com a "matéria inteligível" aristotélica. Rist mostrou que a "Díade indefinida" plotiniana corresponde à primeira efusão do Uno (saindo da unidade na identidade para a distinção na alteridade; En., II.4.5.28-39) e constitui a base do mundo inteligível, plano da união das Formas com a matéria inteligível. Plotino diz (II.4.5, 28-33, esp. 29-30) que a *arché* da matéria inteligível é constituída por diferença e movimento - condições que preparam a naturalização da matéria sensível (FERNANDES, 2010, p.626-627).

¹² GERSON, 2018, p.164: "Indefiniteness is not an obstacle to the existence of intelligible matter, since matter in the intelligible world will always have all forms".

¹³ "Not only in Plotinus's earlier reflections but throughout the whole of his work the notion of intelligible matter plays an important role and thus constitutes one of the fundamental components of his whole philosophy; bodily matter and intelligible matter are necessarily connected as different but at the same time as inseparable, i.e, the notion of matter [...] necessarily entails the notion of *hyle noeté* [...] intelligible matter is tightly connected with the indefinite dyad".

¹⁴ GERSON, 2018, p.164: "Plotinus divides his attention here between intelligible matter (§§ 2–5) and sensible matter (§§6–14)".



A concepção da matéria inteligível como efluência do Uno permite conceber como ocorre a articulação das hipóstases primárias e como se dá a constituição metafísica de toda a realidade produtiva posterior a elas. Expressa também a necessidade de uma fase ontologicamente indeterminada para que se conceba, via conversão ou contemplação, uma fase determinada em que se torna possível dizer o que o ser é. Nessa linha que vincula matéria inteligível e díada, é pertinente outra nota:

A matéria inteligível pode então ser apresentada como a díade indefinida, *aoristos dyas*. A díade é a fonte primária e a potencialidade de multiplicidade (e de receber opostos), não a multiplicidade como tal (cp.VI.3.12. 2-6; VI.6.3.29; Aristóteles, Phy.203a15-16, Met.987b26). Desempenha um papel importante no 'processo' (lógico, não temporal) de constituição do Intelecto/*Noûs*. Portanto, a díade (que não é ela mesma a multiplicidade, mas a potencialidade da multiplicidade) [...], ao retornar para o Uno, engendra toda a multiplicidade das formas.¹⁵ (NIKULIN, 1998, p.92, tradução nossa).

Ao inquirir a condição particular da matéria inteligível, o filósofo reforça a imprescindibilidade do princípio formativo na organização do cosmos. Se fizermos o movimento lógico inverso, partindo do sensível – que é posterior ao inteligível – será válido inferir que, como o segundo é imitação do primeiro, se o cosmos sensível possui forma, de igual modo a matéria inteligível, que é anterior, deve também ser formatada.

Se, pois são muitas as formas, é necessário que haja nelas algo comum; além disso, algo próprio, pelo qual uma difere da outra. Esse algo próprio e diferença que as separa é o formato particular. Se há formato, há o que é formatado, no qual está a diferença. Logo, há também a matéria que recebe o formato e é sempre o substrato. Ainda, se existe lá um cosmos inteligível e este é imitação daquele, sendo composto também de matéria, também lá deve existir matéria. Se não, como o chamarás cosmos sem teres olhado para sua forma? (PLOTINO, II.4[12] 4, 2-10, trad. BARACAT, 2006).

Em última análise, Plotino entende que os conceitos de matéria e forma são fundamentais à multiplicidade introduzida pela perfeição do Uno, seja no âmbito primeiro (do Inteligível) seja nos graus mais afastados do ser (no campo dos sensíveis). A dualidade é expressão inconfundível de mesmo e de outro, conforme explana o intérprete:

Plotino é, portanto, notavelmente consistente não somente em II.4, mas em todo o *corpus* de seus escritos, ao sustentar que, em sua onipresença, a

¹⁵ "Intelligible matter may then be presented as the indefinite dyad, *aoristos dyas*. The dyad is the primary source and potentiality of multiplicity (and of receiving opposites), not the multiplicity as such (cp.VI.3.12.2-6; VI.6.3.29; Aristotle, Phy.203a15-16, Met.987b26). It plays an important role in the (logical, not temporal) 'process' of constituting the intellect *noûs*. Therefore the dyad (which is itself not multitude but the potentiality of multitude) [...] returning back to the One engenders the whole multiplicity of the forms".



matéria está presente não apenas nos objetos físicos, mas também nas figuras geométricas e mesmo no reino noético; matéria inteligível está conectada então com a imaginação superior, ambos implicando o movimento primário como constituído pela conjunção inseparável de mesmo e outro (NIKULIN, 1998, p.113, tradução nossa).¹⁶.

Plotino diferencia o substrato referente à matéria inteligível e àquele que é relativo ao mundo corpóreo. No âmbito do intelecto, tanto o continente quanto o conteúdo são objetivamente reais, ao passo que o substrato na compreensão sensoperceptiva é uma espécie de instância metafísica adornável que torna possível a visão pelo aparato sensório, mas que não representa a razão de ser daquilo que é observado:

Mas, de fato, a obscuridade nos inteligíveis e a nos sensíveis são diferentes, e é diferente a matéria na proporção em que também a forma sobrejacente a ambos é diferente: pois uma, a matéria divina, ao receber o que a define, possui a vida mesma definida e intelectiva, ao passo que a outra se torna algo definido, mas não algo vivente nem inteligente, mas um cadáver adornado. E o formato é uma imagem: assim como o substrato também é uma imagem. Mas lá o formato é algo verdadeiro: como também o substrato. Por isso, aqueles que dizem que a matéria é essência, se falavam dessa, devemos assumir que eles falam corretamente; pois lá o substrato é essência, isto é, se é concebida com a forma que está sobre ela e sendo completa, ela é essência iluminada. (PLOTINO, II.4[12] 5, 14-25, trad. BARACAT, 2006).

A corrupção, correlativa à geração, é típica dos fenômenos naturais e é alvo de constatação factível a qualquer um que observe o nascimento e a morte dos seres humanos ou mesmo de qualquer ser vivo. Mas, a rigor, como se diz em ciência moderna, “nada se perde nem se cria, tudo se transforma”¹⁷. Então, o que se corrompe? Seria a matéria, o corpo, os elementos ou um composto?

No âmbito dos sensíveis, a desagregação remete aos compostos, permanecendo a matéria sendo matéria e o inteligível sendo inteligível. Entretanto, deve-se ter em mente que este capítulo cinco ainda está dando destaque para a matéria inteligível. A associação dessa matéria à “essência” pode causar embaraço, uma vez que a matéria, em geral, seria

¹⁶ “Plotinus is thus remarkably consistent not only in II.4 but throughout the whole corpus of his writings in maintaining that in its all-pervasiveness matter is present not only in the physical objects but also in the geometrical figures and even in the noetic realm; intelligible matter is connected then with the higher imagination, both implying the primary movement as constituted by the inseparable conjunction of sameness and otherness”.

¹⁷ Embora Lavoisier (2007 p. 97) tenha inserido esse conceito em um contexto científico muito particular ao período moderno, essa concepção é mais propriamente helenística, na sua forma latina, mas com origens gregas em Epicuro, conforme se segue: “[...] devemos ressaltar que o tradicional enunciado: na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma não é de Lavoisier, mas sim do latino Titus Lucretius Carus (96-55 a.C.) que se baseou nas ideias do filósofo grego Epicuro (341-270 a.C.) sobre a Física [...]”.



informe. Porém, com mais recursos teóricos se pode retomar o estatuto da matéria inteligível como estando conectado ao processo emanativo do Uno:

A característica - se assim se pode chamar - dessa primeira efluência do Um é a alteridade (*èterótes*). Em Enn. 2.4.5, Plotino fala dessa 'alteridade' e 'movimento' para longe do Primeiro (o Um) como Ilimitado (*àóristos*) [...] A conclusão que devemos tirar é que a Díade Indefinida - como podemos descrever a efluência - retorna ao Um de maneira semelhante e é informada por ele. No capítulo em discussão, a díade é referida como matéria inteligível (RIST, 1962, p.99; 101, tradução nossa)¹⁸.

Esse argumento desenvolvido por Rist parece não apenas robusto textualmente, em razão de Plotino dedicar a primeira parte quase que inteira do tratado à matéria inteligível, mas também em virtude da dinâmica interna à metafísica de Plotino, qual seja: a de uma emanção do Uno ao múltiplo. Ela coloca uma "lupa" exegética e metafísica bastante significativa sobre o papel da matéria para toda a ontologia plotiniana em viabilizar a interação das fases indeterminada e determinada aludidas desde a introdução deste trabalho:

A explicação desta superioridade do aspecto contemplativo da hipóstase reside não apenas no fato de que se preocupa mais com a entidade mais elevada, o Um, mas também que a díade - o aspecto metafisicamente 'anterior' de toda a hipóstase - é, se for qualquer coisa, um substrato em vez de um objeto de contemplação. Em termos mais gerais, se, para efeito de argumento, considerarmos o Um, o *Nous* e as Formas como todos passíveis de uma análise 'de si por si próprios', podemos dizer que a contemplação do Um pelo *Nous*, na forma de Matéria Inteligível, é a causa da própria existência da Segunda Hipóstase, ao passo que a contemplação das Formas pelo *Nous* é simplesmente uma descrição da essência dessa hipóstase. E para Plotino a causa da existência é sempre mais importante do que a essência (RIST, 1962, p. 102, tradução nossa)¹⁹.

¹⁸ "The characteristic - if such it may be called - of this first effluence from the One is Otherness (*èterótes*). In Enn. 2.4.5, Plotinus speaks of this "otherness" and 'motion' away from the First (the One) as Unlimited (*àóristos*) [...] The conclusion we are to draw is that the Indefinite Dyad - as we may describe the effluence - returns to the One in a similar fashion and is informed by it. In the chapter under discussion the Dyad is referred to as Intelligible matter".

¹⁹ "The explanation of this superiority of the contemplative aspect of the hypostasis lies not only in the fact that it is concerned more with the highest entity, the One, but also that the Dyad, the metaphysically 'earlier' aspect of the whole hypostasis is, if anything, purely active, and a subject rather than an object of contemplation. In more general terms, if for the purposes of argument we regard the One, Nous, and the Forms as all admitting of analysis 'themselves by themselves', we may say that the contemplation of the One by Nous in the form of Intelligible Matter is the cause of the very existence of the Second Hypostasis, whereas the contemplation of the Forms by Nous is simply a description of the essence of that hypostasis. And for Plotinus the cause of existence is always more important than the essence".



Após ter sido fundamentada a matéria inteligível, torna-se oportuno dar segmento à estrutura interna da exposição de Plotino, pela qual se retoma a questão da corrupção no contexto da matéria do sensível. No capítulo sexto, Plotino elucida como deve ser tematizado o referido tópico, que é através dos compostos sensíveis:

A corrupção, com efeito, mostra isso de modo genérico: pois é a corrupção de um composto; se é assim, cada coisa é composta de matéria e forma. E a indução o atesta, mostrando que o que é corrompido é o composto [...] E é necessário que os elementos sejam ou forma, ou matéria primeira, ou compostos de matéria e forma. No entanto, forma não é possível serem pois como, sem matéria, seriam constituídos de massa e de magnitude? Tampouco seriam a matéria primeira: pois eles se corrompem. Portanto, são compostos de matéria e forma. Formando segundo qualidade e o formato, e matéria segundo o substrato, que é indefinido, porque não é forma. (PLOTINO, II.4[12] 6, 10-20, trad. BARACAT, 2006).

A formulação plotiniana permite, praticamente de uma vez por todas, afastar a hipótese de que a matéria seria um princípio de individuação, como postulava Pourtless. Uma vez que o conceito de corpo pressupõe determinações intelectivas, sendo estas a objetivamente conformar aquilo que em si mesmo seria de natureza amorfa. Por isso, a matéria dos sensíveis é incorpórea, do contrário não serviria a função de receptáculo. A respeito desse capítulo sexto, é lapidar a leitura do respectivo estudo:

Ora, isso que se transforma não pode ser a forma, “... pois, como, sem matéria seriam constituídos de massa e magnitude?”; mas também não pode ser a matéria primeira (*ἄλη ἢ πρώτη*), pois eles se corrompem (cf. II 4 [12], 6, 15-18); e como Plotino já havia apontado acima, se a matéria se corrompesse os entes seriam aniquilados no não ser e não haveria a contínua transformação de uns elementos em outros (cf. II 4 [12], 6, 1-3). A corrupção (*φθορά*), portanto, diz Plotino, é de um composto (*συνθέτου*), de um composto de matéria e forma (*ἄλης καὶ εἶδους*) (cf. II 4 [12], 6, 8-11) que se decompõe e retorna à condição primária da forma e da matéria, enquanto algo “simples” (*ἀπλοῦν*) e não composto (*μὴ σύνθετον*) e que, portanto, não estão sujeitas à decomposição. Nesse sentido, a matéria, em Plotino, não é corpórea e não é idêntica aos corpos. Os corpos são, já, uma composição de matéria e forma. Isso, porque, segundo Plotino, a quantidade não é um atributo próprio da matéria (GOMES, 2019, p.116).

O filósofo amplia a análise de seus predecessores tipificando posições filosóficas importantes, tais como a de Empédocles, a de Anaxágoras e a dos atomistas concernentes à natureza da matéria. Plotino quer conceituar a matéria como substrato das transformações o que demanda que ela seja apta a receber toda e qualquer determinação ôntica, sendo estas as virtudes metafísicas da matéria, e não o seu demérito como teriam pensado alguns dos pré-socráticos, na leitura e apropriação que o neoplatônico faz deles:



Empédocles, ao considerar os elementos como matéria, tem como prova contrária a corrupção deles. Anaxágoras, ao fazer da mescla matéria dizendo que ela não tem aptidão para todas as coisas, mas tem todas as coisas em ato, suprime o intelecto que ele introduz porque não o faz doador do formato e da forma nem anterior a matéria, mas simultâneo. Todavia, a simultaneidade é impossível. Pois, se a mescla participa do ser, o ente é anterior mas, se isto é o ente, a mescla mais aquele, será necessário um outro, terceiro, sobre eles (PLOTINO, II.4[12] 7, 1-10, trad. BARACAT, 2006).

Plotino parece fazer referência ao contraste entre ser e não-ser por via dos operadores “limite-ilimitado” ou “determinado-indeterminado”. Em outras palavras, o que não possui contornos não pode ser, haja vista que será carente de entidade. Nas linhas que se sucedem a estas então enunciadas, o filósofo discorre:

Mas quem supôs o ilimitado que diga o que é isso. Se é ilimitado no sentido de ser intransponível, é evidente que algo desse tipo não existe entre os entes, nem o ilimitado em si, nem um em outra natureza como atributo de um corpo: o ilimitado em si, porque mesmo uma parte dele seria necessariamente infinita, e um como atributo, porque aquilo de que é atributo não seria por si mesmo ilimitado, nem simples, nem ainda matéria (PLOTINO, II.4[12] 7, 15-20, trad. BARACAT, 2006).

Ao empreender uma revisão exegética dos pensamentos de Empédocles e Anaxágoras, Plotino se concentra na teoria atomista. O conceito de átomo não dá conta de explicar a natureza daquilo que subjaz aos corpos. Os corpos, sendo compostos de átomos, são apenas combinados de átomos e tudo será produto de átomos. Em uma metafísica inteligente, isto é, que pressupõe às Formas e a operação intelectual de um demiurgo, a natureza do substrato precisa ser completamente passiva e apta a servir de suporte para os entes:

Contudo nem mesmo os átomos terão a classificação de matéria, porque absolutamente não existem: pois todo corpo é totalmente divisível; e a continuidade e a unidade dos corpos, a impossibilidade de coisa alguma existir sem intelecto e alma, que é impossível que seja composta de átomos, e a impossibilidade de fabricar a partir de átomos outra natureza além dos átomos, visto que nenhum demiurgo faria coisa alguma com uma matéria descontínua, e mil outras coisas poderiam ser ditas, e o foram, contra essa hipótese; por isso, é desnecessário perder tempo com esses problemas (PLOTINO, II.4[12] 7,20-30, trad. BARACAT, 2006).

Como tem sido observado, matéria, corpo e sensíveis estão sendo articulados em um mesmo campo semântico, mas há distinções a serem feitas entre esses conceitos. Plotino condiciona à definição de corpo o possuir qualidades, tais como grandeza. A matéria por ser pressuposta como indeterminada, carece de qualquer atributo e, nisso, diferencia-se do corpo, já que este é dotado de qualidades. A matéria é matéria de todos os sensíveis,



não pode assumir para si as qualidades de um ente em particular. Nas palavras do neoplatônico:

Então, que matéria é essa, chamada una e contínua e sem qualidade? Que ela não é corpo, se é de fato sem qualidade, está claro; do contrário, terá qualidade. Mas, como dizemos que ela é matéria de todos os sensíveis, e não matéria de alguns e forma em relação a outros - como a argila é matéria para o ceramista, mas não é matéria simplesmente -, então, como dizemos que ela não é matéria nessa acepção, mas em relação à todas as coisas, não poderíamos atribuir a ela, por sua própria natureza, nenhuma das determinações que são vistas nos seres sensíveis (PLOTINO, II.4[12] 8,1-10, trad. BARACAT, 2006).

A omissão do aspecto da “unidade” do trecho anterior a este que fora citado pode agora ser destacada²⁰. Esse predicado está apoiado na simplicidade do conceito de matéria, o que quer dizer que ela não pode ser diminuída nem aumentada. Ela não pode ser fracionada, porque não é composta, e se não é composta, não está suscetível à decomposição.

Por isso, a matéria não é corpo por ser ausente de qualidades e nem é sensível por não possuir determinações, mas apenas serve de substrato para todas essas circunstâncias cosmológicas: “Todavia, ela não deve ser algo composto, mas algo simples e uno por sua própria natureza: pois assim ela será deserta de todas as coisas. E o doador de seu formato lhe dará um formato que é diferente dela mesmo [...]” (PLOTINO, II.4[12] 8, 13-16, trad. BARACAT, 2006).

Um pouco mais a frente, Plotino enfatiza o que implica negar qualidades à matéria: “É mais espantoso impor à matéria a quantidade como algo diferente dela do que acrescentar uma qualidade a ela? A qualidade é razão e a quantidade também não o deixa de ser, pois é forma, medida e número” (PLOTINO, II.4[12] 8,26-30, trad. BARACAT, 2006). A radicalidade com que se deve compreender a ausência de qualidades em relação à matéria, portanto, deve envolver até mesmo noções básicas da linguagem como quantidade.

Não obstante pela razão podermos abstrair da matéria às qualidades e determinações corpóreas, no cosmos ela está sempre formatada e ordenada pela alma²¹.

²⁰ Neste artigo (SILVA, 2021b), discuti parcialmente os trechos subsequentes do tratado II.4 no que concerne à definição da matéria como não-ser e substrato.

²¹ FERNANDES, 2013, p.134: “[a matéria] por essa razão chamada de ‘uma natureza contrária à forma’ (Enéades, I.8.10; PLOTINO, 2000, pp. 164-5) - não sendo difícil conceber a fórmula ‘contrária à forma’ = ‘má’.



Tanto a sensopercepção quanto a razão opera sobre aquilo que tem medida e contorno. Logo, em regra, a matéria não permanece amorfa, mas exerce função relevante na constituição dos entes. A matéria, por si própria, é de natureza amorfa, mas ela só se torna compreensível metafisicamente a partir da correlação hilemórfica. Ou seja, no cosmos está o tempo todo ornamentada. Em conformidade com o *Timeu*, o Intelecto persuadiu a necessidade. No décimo capítulo, Plotino esclarece:

E, uma vez que nem a matéria mesma permaneceu amorfa, mas está formatada nas coisas, a própria alma lança imediatamente a forma das coisas sobre ela, aflita com o indeterminado como que por medo de estar fora dos entes e não suportando situar-se demoradamente no não-ente (PLOTINO, II.4[12] 10,33-35, trad. BARACAT, 2006).

Para retroagir no raciocínio abstrativo conducente à especificação dos conceitos de matéria, corpo e sensível, Plotino explica que antes mesmo de haver espaço, é preciso pressupor a matéria, a fim de que se introduza a noção de corpo. Baracat inclusive dedica um artigo a essa tema²²: “O espaço, porém, é posterior à matéria e aos corpos, de modo que os corpos necessitariam antes de matéria” (PLOTINO, II.4[12] 12, 10-12, trad. BARACAT, 2006).

Sobre as dificuldades relativas à negativa do ser, isto é, ao não-ser, que se impõem ao entendimento, devem-se considerar os dois principais sentidos em que ela se expressa: por primeiro, o não-ser pode ser entendido como oposto ao ser, por isso implicaria a negação do bem; por segundo, o não-ser significaria apenas alteridade ao ser. Em todo caso, quando se fala em “não-ser”, pensa-se imediatamente no “não existente”.

Mas, mediante uma leitura do tratado I.8, esclarece-se que a matéria existe, sendo contrapolar da Forma, mas não excluída da emanção cujo princípio não principiado é o Uno. Mas, sendo as qualidades dos sensíveis posteriores à matéria, como podem existir essas sem aquela? Plotino argumenta que a matéria não é perceptível, mas disso não deve se deduzir que ela não exista:

Portanto, a matéria é uma necessidade tanto para a qualidade quanto para magnitude: e por consequência também para os corpos; e não é um nome vazio, mas um substrato, ainda que seja invisível e ainda que seja sem

De fato, a matéria sensível (= o ‘Mal em si’) carece originariamente tanto das características das Ideias quanto daquelas dos entes, só podendo ser ‘pensada’ por um processo de abstração, por subtração absoluta de toda forma (Enéades, I.8.9) por contraste em relação ao *Dator formarum* (o Uno/Bem) e à sua dádiva desinteressada”.

²² Para um estudo sobre o conceito de espaço em Plotino: BARACAT, 2013.



magnitude não existem pelo mesmo argumento; pois se poderia dizer que cada uma dessas coisas não é nada, se tomadas em si mesmas. Agora, se essas coisas existem ainda que cada um exista turvadamente, com muito mais razão existiria a matéria, mesmo que não exista nitidamente por não ser apreensível pelos sentidos (PLOTINO, II.4[12] 12,20-30, trad. BARACAT, 2006).

Todo corpo é matéria, mas a matéria não é corpo. O que é absolutamente central para o estudo da matéria no contexto da metafísica plotiniana é apreender a natureza não “vazia” desse conceito. A matéria não apenas existe, ela é dotada de uma existência que não se apaga em um “vazio” ou um “nada”. Ou seja, carecer de forma inteligível não elimina a especificidade que ela desempenha na ontocosmologia, qual seja: a de ser substrato para os entes. Essa argumentação permite ao estudioso de Plotino refletir: a privação *simpliciter* de forma cumpriria com essa majestade o que cumpre a matéria?

Na esteira de uma distinção conceitual entre os compostos corpóreos e a matéria, é preciso pavimentar o caminho que leva a afirmação da matéria como a condição de anterioridade lógica à constituição do cosmos. Tal conclusão deriva do fato de que o sensível não existe sem a matéria nem a matéria é compreensível sem que se identifique o seu papel enquanto substrato dos entes:

E para o tato, então? Não, ora, porque também não é corpo: pois o tato é pertinente a um corpo, porque é tato do denso ou do ralo, suave ou áspero, úmido ou árido; mas nada disso está na matéria: estão, sim, em um raciocínio não oriundo do intelecto, mas que raciocina vaziamente [...] Entretanto, nem mesmo corporeidade há na matéria; se a corporeidade é uma razão, é diferente dela; ela é então outra coisa; se porém, já é produtora e está como que fundida à matéria, esta seria evidentemente um corpo e não apenas matéria (PLOTINO, II.4[12] 12,32-40, trad. BARACAT, 2006).

A matéria tem um estatuto especial, porque ela é privação de qualidade. Embora a dupla negação suponha uma afirmação, como ocorre, por exemplo, com a expressão “não é verdade que tal indivíduo não tem nome”. Nesse caso, a inferência é de que a verdade é que o indivíduo possui um nome. Não é verdadeiro que o não possuir qualidades seja uma qualidade, a não ser logicamente. Entretanto, a matéria, como condição para o vir-a-ser, não se identifica como o não-ser absoluto, mas como distinto da forma e necessita dela para ser ordenada no cosmos. Leia-se o décimo terceiro capítulo:

Pois a privação é negação, enquanto a qualificação está em uma afirmação. E a especificidade da matéria não é um formato: pois se deve a não ser ela qualificada nem possuir forma alguma; é de fato absurdo dizer que ela é



qualificada por não ser qualificada [...] (PLOTINO, II.4[12] 13, 20-25, trad. BARACAT, 2006).

Para tornar o itinerário reflexivo ainda mais complexo, Plotino tensiona os conceitos de matéria e privação indagando se eles são os mesmos, se são completamente diferentes ou se um deriva ou está contido no outro. Se um não envolver o outro em suas definições, deduz-se que sejam diferentes. Plotino cogita, assim, que matéria e privação não são idênticas, mas que talvez a privação seja um dos sentidos em que se pode compreender a matéria. Contudo, o filósofo aborta essa linha de raciocínio ao afirmar que nem mesmo em potência a definição de um pode envolver a do outro:

Mas é preciso investigar isto: se a matéria é privação ou se a privação acontece nela [...]. Então, se uma e outra estão separadas e nenhuma delas requer a outra, ambas serão duas e a matéria será diferente da privação, mesmo que a privação seja um atributo da matéria. Mas uma não deve ser vista nem mesmo em potência na definição da outra (PLOTINO, II.4[12] 14,1-10, trad. BARACAT, 2006).

Plotino se utiliza de uma figura de linguagem para destrinchar um pouco mais seu pensamento sobre as definições de matéria e privação. Assim como a matéria é informe, a privação também é. Essa coincidência teórica é a mesma que faz o fogo diferente do calor, mas que implica ser o fogo quente. Porém a chave para apreender adequadamente o estatuto cosmológico da matéria está propriamente na ideia de substrato e parcialmente na privação. Plotino, ao estabelecer essa hierarquia em que o substrato prevalece sobre a privação, possibilita diferenciar, por exemplo, o sentido primário do mal associado à matéria para atribuí-la à privação ou ao extremo da multiplicidade:

Se forem como o fogo e o calor, visto que o calor está no fogo, mas o fogo não está incluído no calor, e assim a matéria será privação do mesmo modo que o fogo é quente, a privação será uma espécie de forma da matéria, mas o substrato será outra coisa, que deve ser a matéria. E nem assim serão algo uno (PLOTINO, II.4[12] 14,13-17, trad. BARACAT, 2006).

O diferencial da matéria em relação à privação é o seu *status* de substrato. Mas entre elas há semelhanças, não é à toa que é muito tênue a separação entre elas. Ambas envolvem as noções de indeterminação, ilimitude e ausência de qualidades. Entretanto, a matéria é conformada por ação da alma enquanto não parece ser possível dar forma à privação. Vide excerto do capítulo quatorze:

Se, então, é não ente porque não é o ente, mas é algo porque é outra coisa, duas serão as definições, uma que tange ao substrato e outra que mostra a relação da privação com as demais coisas [...]. Contudo, se, por ser idêntica ao indeterminado, por ser idêntica ao ilimitado e por ser idêntica ao sem



qualidade, a privação é idêntica à matéria, como ainda são duas as definições? (PLOTINO, II.4[12] 14, 22-30, trad. BARACAT, 2006).

Plotino inicia o capítulo quinze traçando um paralelo entre matéria e razão tendo em vista o parâmetro da ilimitude. A comparação é orientada pela relação entre imagem e arquétipo, respectivamente. Conforme se lê nas *Enéadas*:

Então, como o ilimitado está lá e aqui? Na verdade, o ilimitado também é duplo. E em que diferem? Como arquétipo e imagem. Então, este é menos ilimitado? Não, é mais: pois quanto mais é uma imagem que fugiu do ser e do verdadeiro, mas ilimitado é. De fato, a ilimitabilidade no menos determinado é maior: pois o menos no bom é mais no mau. Então, o ilimitado de lá, sendo mais ente, é ilimitado como imagem, mas o daqui, sendo tanto menos ente quanto mais fugiu do ser e do verdadeiro e submergiu na natureza de imagem, é mais verdadeiramente ilimitado (PLOTINO, II.4[12] 15, 20-30, trad. BARACAT, 2006).

A matéria se opõe à razão apenas no que concerne a ser ilimitada, enquanto a razão por natureza impõe limites ao que é disforme. Essa oposição não implica a repulsa de um para com o outro, tanto que a razão confere forma à matéria, ainda que exteriormente. Isto é, em última análise, a matéria permanece sempre amorfa, condição que a caracteriza como não-ser. Se por razão aqui se entende não simplesmente a faculdade de pensar da alma humana, mas a capacidade que o Intelecto tem de transmitir suas leis lógicas à Alma do cosmos e, por conseguinte, ao cosmos sensível:

Em consequência, deve-se dizer que a matéria é ilimitada por si mesma devido à sua oposição à razão. Pois bem, assim como a razão é razão sem ser algo outro, do mesmo modo deve-se dizer que a matéria, opondo-se à razão devido à sua ilimitabilidade, é ilimitada sem ser algo outro (PLOTINO, II.4[12] 15,32-40, trad. BARACAT, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das diversas nuances da argumentação de Plotino ao longo do tratado, ele não deixa de [nos permitir] concluir que a matéria é má por distinguir-se do ente. Ao reconhecê-la por sua configuração disforme, a matéria passa a ser analisada na esfera do não-ser. O filósofo retoma a premissa fundante do tratado que é relacionar as duas matérias, a saber, a do inteligível e a do sensível. Não deixa de ser importante apontar para a estranheza que a conclusão “matéria-mal” suscita no leitor que observou a analogia metafísica entre as duas matérias e os seus respectivos papéis ontocosmológicos:



Então, como não é disforme? E como não é completamente feia? E como não é completamente má? Aquela matéria de lá é ente: pois o anterior a ela está além do ente. Aqui, o anterior a ela é o ente. Ela, certo, não é ente, porque, além de ser algo mau, é diferente do ente (PLOTINO, II.4[12] 16,23-27, trad. BARACAT, 2006).

No tocante à conceituação apresentada pelo tratado II.4, o estatuto ontológico da matéria é enfatizado como substrato ou receptáculo, realizando de maneira singular um paralelo com a matéria inteligível. Em linha com o que interpreta o estudo a seguir, “nem a transformação e a corrupção podem ser absolutas”. Nesse sentido, diferente dos filósofos pré-socráticos, inclusos os atomistas, Plotino entende a matéria como integrada às Formas, sem a combinação das quais não haveria o composto sensível. A esse respeito, compartilho da interpretação da leitura de Gomes:

Em seu 12º tratado (II 4, na ordem eneádica) [...] Plotino desenvolve e aprofunda o seu pensamento sobre a matéria. Não propriamente acerca de sua gênese, mas fundamentalmente sobre a sua condição e sua natureza. Segundo Plotino, o que justifica e comprova a existência da matéria não é simplesmente a realidade dos corpos e do próprio mundo físico, mas é a condição fluente e inconstante dos corpos. O cerne da argumentação é essencialmente parmenídico: nem a transformação e a corrupção podem ser absolutas, caso contrário a essência seria aniquilada no não-ser total; nem, ao contrário, a geração é a passagem do não-ser total para o ser. Logo: ‘... deve existir algo subjacente aos corpos [um substrato (ὕποκειμενον²³)] que seja diferente deles’ (II 4 [12], 6, 2-3); algo que permaneça mesmo após abandonar essa ou aquela forma (cf. II 4 [12], 6, 7-8) (2019, pp.115-116).

Com toda a propriedade que o tratado II.4 tem para analisar a matéria, ele nos reafirma o que em linhas gerais estava subsumido em outros tratados das *Enéadas*: a compreensão segundo a qual a matéria se distingue dos corpos por esses possuírem qualidades e determinações, enquanto ela é destituída de qualquer forma.

Entretanto, ao se referir tanto à matéria do inteligível quanto à matéria do sensível, Plotino reconhece que no cosmos a matéria encontra-se formatada e, assim, assume configurações específicas no conjunto do universo sensível. A vinculação da matéria ao mal se firma na inconformidade à razão ordenadora, tal implicação teórica se segue da conceituação *in loco* que o II.4 nos permitiu. Tanto matéria inteligível quanto sensível são essenciais ao todo da metafísica de Plotino, de maneira que a caracterização da matéria como mal não implica o desprestígio da matéria, que é extremamente potente como recurso explicativo capaz de garantir toda a dinamicidade do real a partir do Uno.

²³ Cf. ARISTÓTELES, *Física* 191 a 7-12; e 192 a 31. Cf. II 4 [12], 1, 1 -2.





REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AQUINO, T. **O Ente e a Essência**. Tradução de Mário Santiago de Carvalho. Covilhã: Lusosofia, 2008. Disponível em: <<https://bityli.com/TntP5>>. Acesso em: 26/06/2021.
- ARISTÓTELES. **Física**. Introducción, traducción y notas de Rodríguez de Echandía. Madrid: Gredos, 1982.
- ARMSTRONG, A. H. From Intellect to matter: The return to the One. In: **The Cambridge History of Later Greek and Early Medieval Philosophy**. Cambridge, 2008. pp 250-259.
- BARACAT, J. **Plotino. Enéadas I, II e III; Porfírio, Vida de Plotino**. Tradução e notas. 700 f. (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- BARACAT, J. The Concepts of Space in Plotinus. **Dois Pontos** (UFPR), v. 10, p. 33-54, 2013.
- CARVALHO, N. **Sobre o conceito plotiniano de dúnamis e sua relação com as noções de matéria, um e alma**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2015.
- CORRIGAN, K. **Reading Plotinus: a practical introduction to Neoplatonism**. West Lafayette: Purdue University Press, 2005.
- FERNANDES, E. A interação naturante entre o demiurgo e o mundo, a questão dos “dois tipos de matéria” e a natureza da “implantação” da alma no corpo. **Kriterion** (UFMG.Impresso), v. 51, p. 617-635, 2010.
- FERNANDES, Edrisi. A “superação” Schellinguiana do entendimento Plotiniano da transição do bem para a matéria e o mal. **Archai: Revista de Estudos Sobre As Origens do Pensamento Ocidental**. v.10, 2013, pp.127-140.
- GOMES, R. **A alma e o cosmos: “O todo em tudo” (ὅνο παληαρνῦ) na cosmologia plotiniana**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Guarulhos, 2019.217 f.
- LAVOISIER, A.L. **Tratado Elementar de Química**. Tradução de Laís dos Santos Trindade. São Paulo: Madras, 2007.
- NIKULIN, D. Intelligible Matter in Plotinus. **Dionysius**, Vol. XIV, 1998, pp.85-114.
- OLIVEIRA, P.C. **Imagens em Espelhos: o estatuto do múltiplo sensível em Plotino**. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2009.
- SILVA, Robert Brenner Barreto da. O ESTATUTO CONCEITUAL DA MATÉRIA NO TRATADO II.4 DE PLOTINO. eK22002**

PLATÃO. **Timeu-Critias**. Tradução do grego, introdução e notas de Rodolfo Lopes. São Paulo: Annablume Clássica; Coimbra: IUC, CECH, 2012.

PLOTINUS. **The Enneads**. Edited by Lloyd P. Gerson. Translated by George Stones, John M. Dillon, Lloyd P. Gerson, R. A. H. King, Andrew Smith and James Wilberding. Cambridge University Press, 2018, 931pp.

POURTLESS, J. Toward a Plotinian Solution to the Problem of Evil. **Aporia** v.18 n°2, 2008.

RIST, J. The Indefinite Dyad and Intelligible Matter in Plotinus. **The Classical Quarterly**, New Series, Vol. 12, No. 1 (May, 1962), pp. 99-107.

SILVA, R. **A relação metafísica entre matéria e mal na filosofia de Plotino**. 207 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021a.

SILVA, R. A natureza complexa da cosmologia metafísica de Plotino: um elogio ao material e uma crítica ao materialismo. **PROMETEUS**. FILOSOFIA EM REVISTA, v. 1, p. 171-190, 2021b.



SILVA, Robert Brenner Barreto da. O ESTATUTO CONCEITUAL DA MATÉRIA NO TRATADO II.4 DE PLOTINO. **Kalagatos**, Fortaleza, Vol.19, N.1, 2022, eK22002, p. 01-21.



Recebido: 02/2022
Aprovado: 03/2022